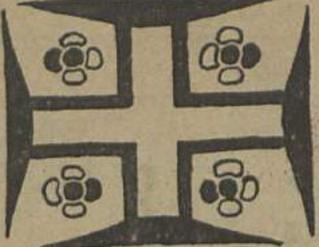


623



ANILLO

Revista Mensal

AR
TES
LET
RAS
DE
SCIEN
CIAS
I

“EXILIO,,

REVISTA MENSAL DE ARTE, LETTRAS E SCIENCIAS

DIRECTOR:—Augusto de Santa-Rita

EDITORES:—Rodrigues & C.^a—186, R. do Ouro, 188—LISBOA

FUNDADORES:

Augusto de Santa-Rita

Pedro de Menezes

Antonio Ferro

Côrtés-Rodrigues

*Toda a correspondencia deve
ser dirigida ao director.*

São nossos depositarios em Portugal:

RODRIGUES & C.^a

186, Rua do Ouro, 188

LISBOA

ASSIGNATURAS

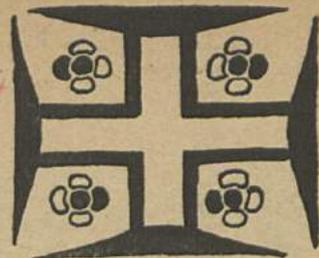
Ao anno:

Portugal, Hespanha e colonias portuguezas.	2 escudos
Brazil	10\$000 (moeda fraca)
União postal	12 francos

Avulso em Portugal — **20 centavos**

“EXILIO,, só publicará inéditos e respeitará

a ortographia dos seus collaboradores



ANILLO

Revista Mensal

AR
TIC
LET
TRAS
DE
SCIEN
CIAS

I

~~4~~
~~28253~~ / B

Res
2751

“Exilio,,

Revista Mensal
de Arte, Lettras e Sciencias

ABRIL

1916

Summario do numero 1

Litteratura:

Exilio — Sua Justificação	AUGUSTO DE SANTA-RITA
O Mêdo de Satan pela Noite	PEDRO DE MENEZES
Braganças e Jesuitas — A independência de Portugal	THEOPHILO BRAGA
Hora Absurda	FERNANDO PESSÔA
A colina inspirada	ANTONIO SARDINHA
Signal da Raça	} AUGUSTO DE SANTA-RITA
Tua Presença	
Céu	ANTONIO RITA-MARTINS
Memorias d'um espelho	MARTINHO NOBRE DE MELLO
Poente de Nero	CÔRTES-RODRIGUES
Via-Sacra	

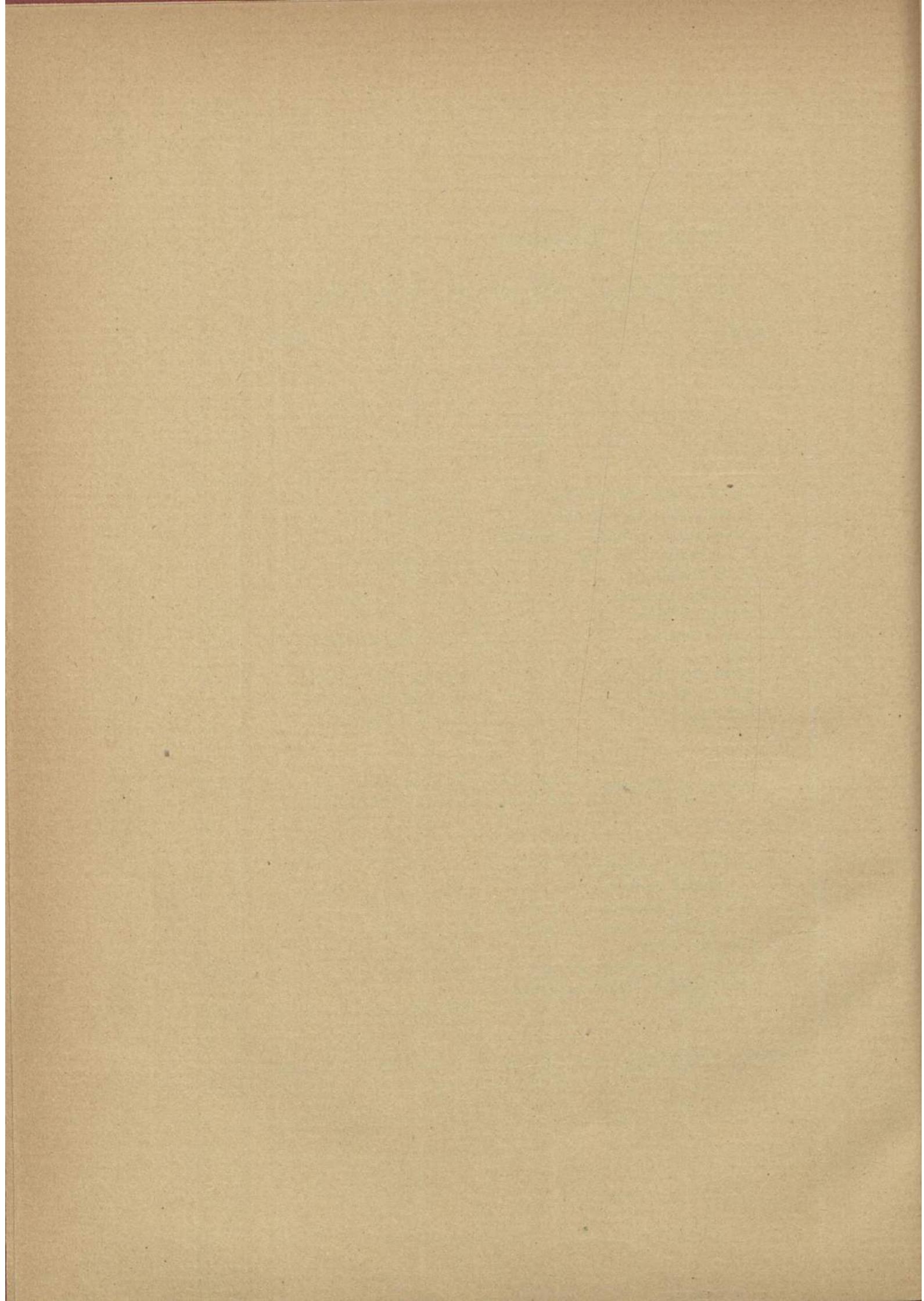
Musica:

Canção da Madalena {	Musica de.	DAVID DE SOUZA
	Poesia de.	ANTONIO FERRO

Sciencia, Philologia e Critica:

D. Rodrigo da Cunha e a Numismatica Portuguesa ..	J. LEITE DE VASCONCELLOS
Notas de linguagem — Formação popular de nomes de unidade	CLAUDIO BASTO
Chronica theatral	VICTORIANO BRAGA
Lapides — Impressões de Arte	A. F.
Bibliographia — Movimento sensacionista	FERNANDO PESSÔA

GUERRA JUNQUEIRO — Retrato inédito — Cliché de VICTORIANO BRAGA,
por PEDRO LIMA, do *Studio*



EXILIO

SUA JUSTIFICAÇÃO



SAUDOSA do Pomar de Maravilhas que foi e será sempre Portugal, a cuja sombra o Senhor Rey D. Denis, Camões e Bernardim, Chrisfal, Bocage e Tolentino, Anthero, Cesario Verde, Antonio Nobre e tantos outros rouxinóes cantaram—sua toáda ensinando ás mães que por sua vez nol-a ensinaram tambem—em praias de Mysterio exilada a nova geração litteraria, atravez d'esta revista, como Christo, disposta a crucificar-se em calvario de Belleza, revindica hoje para si o direito da sua autocracia moral impondo á massa amorpha de um povo de inconscientes emotivos um novo credo, irritante sem querer, por disignio de Fatalidade e predestinação, qual outro menino Deus prégando entre os doutores.

Novo Christo do Ideal, como Elle outr'ora no alto da collina em terras de Arimathêa, ella nos apparece ufana do seu Prestígio, por entre o scepticismo dos phariseus modernos, em parábolos d'oiro apregoando a sua Biblia nova.

Como Elle, ella revellará o ceu que existe áquem das nossas almas;

Como Elle, ella despertará do seu somno mortal as cousas immortais;

Como Elle, ella manchará de Profano as rósas de tocar e sua mancha será bendita por gerações de Amanhã;

Como Elle, ella curará os leprosos da Ignorancia com a fé em seus merecimentos;

Como Elle, ella emprestará a luz magnifica dos seus olhos aos que vivem nas trevas da Inconsciencia;

E como Elle tambem, ella matará a sêde e fome de Belleza com o Milagre do seu Genio.

Ella não virá ser irreverente para com os velhos, antes os respeitará quando honestos e os apreciará quando intelligentes; apenas azorragará sem dó nem piedade os vendilhões do Templo.

Ella poderá vir a ser guerreada mas não vem guerrear. O seu lemma é de Paz, de Amor e de Belleza.

.....

Exilio:— será pois o estandarte da nova Geração.

Exilio:— será a Bandeira a cujo panno um punhado de soldados do Pensamento, gritará a victoria dos seus ideais.

Exilio:— será o panno de Arrás onde o engenho da nossa Arte bordará a bizzarria das suas concepções.

Exilio:— será a barca da Aventura onde a Alma do marinheiro luziada, incarnada no Poeta, regressará da India do seu Sonho, por novos caminhos, á Patria do seu berço.

Exilio:— será finalmente a linda praia em desterro para onde voluntariamente se expatriarão todos os que, independentemente de côr politica, confiam ainda no resurgimento de Portugal pelos novos.

O Mêdo de Satan pela Noite

I

Não sei se dentro de mim
Haverá restos de Deus...
Sinto dedos de marfim
Sempre a fugirem dos meus.

Olho p'ra a Noite cansado
E no seu perfil me enredo.
Sou um trevo desenhado
Nas cortinas do meu Mêdo.

Noite, mãe dos meus sentidos,
Modista dos meus vestidos,
Madrinha do meu sonhar...

Se olho a Lua que me mata
Eu vejo-a guiso de prata
A tilintar o luar.

II

Desce a Noite pelos montes.
Escuto. Sinto-lhe os passos.
Vai beber Saudade às fontes
E anda co'a Morte nos braços.

As minhas mãos arrefecem,
E se as ponho sôbre os lírios,
Meus dedos tornam-se círios
Como se os lírios morressem.

E quando num jardim passo,
Brinco co'as rosas e corro
Atraz das sombras que faço.

Sou no Silêncio um recorte.
E por saber que não morro
Eu tenho mêdo da Morte.

III

Passa a maca dos meus risos
Pela côr do meu passado...
Perfis vestidos de frisos
Em meu olhar magoado.

Sinto que meus olhos vão
Feridos, dentro da maca...
Penso na Lua. É a faca
Com que mataram João.

Vejo-me tanto esquecido
No meu Sonho dolorido
Que tenho pena de mim.

Meus olhos bebem a luz.
E quando penso em Jesus
É Deus a chorar por mim.

IV

Eu bem sei que é a Noite uma cigana
Co'um chale negro, a mêdo, pelos lagos.
Que é só talvez perfil e dedos magos.
No meu vestir de roxo a sombra a engana.

No meu mistério a minha Côr se inclina.
Vejo a mão da Saudade adormecida...
E a Lua sei que é essa mão estendida
Onde a Noite vai lendo a sua sina.

Por isso eu fujo dela. Tenho mêdo
Que me prenda o Mistério, o meu Segrêdo
E faça dos meus olhos calabouços...

Passam os meus sentidos nos terraços.
E Deus atira pedras aos meus passos
E sente-as cair dentro de poços.

PEDRO DE MENEZES.

(Do livro de sonetos *Ânfora*, em preparação.)

Braganças e Jesuitas

A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL



VIEIRA! as linhas nitidas d'esta grande figura, põem-nos a descoberto o plano da Companhia de Jesus na questão da independencia de Portugal. Pelo papel historico do Padre Vieira conclue-se que foi — exclusivamente jesuita — para quem «toda a patria é uma terra estrangeira, e toda a terra estrangeira uma patria».

Trabalhou para os interesses da Companhia, á qual, depois de estabelecida a paz entre a França e a Hespanha, interrompida desde o seculo XVI, não convinha que este pequeno territorio de Portugal continuasse autonomo entre estas duas potencias.

Emquanto a Companhia de Jesus teve de lutar com Philippe II, que votava as suas sympathias á Inquisição e aos Dominicanos, convinha-lhe a ella a autonomia de Portugal, como ponto de apoio da sua resistencia; porém, desde que Philippe II comprehendeu o jogo da Companhia, facultando-lhe o desenvolver-se por toda a Hespanha, entendeu logo a Companhia abandonar Portugal ao seu isolamento, certa de que nada perdia da sua influencia na península iberica sob a unificação do governo da Casa de Austria.

Quando, pela politica franceza de Sully e de Richelieu, que tendia ao enfraquecimento da Casa de Austria, se reconheceu que a independencia de Portugal era um dos meios mais seguros para realisar esse golpe, ficaram assegurados os resultados da revolução de Portugal, depois da missão secreta de Mr. Saint-Pé, que aqui viera garantir um contingente militar e uma esquadra, no caso de mallogro da revolução nacional.

Foi com este apoio, e para a cooperação da politica franceza, que se fez a revolução de 1640.

Parecia natural que ficassemos como nação livre, cultivando a alliança franceza e fortificando-nos com ella.

Deu-se, no emtanto, a paz entre a França e a Hespanha; os jesuitas, que durante o seculo XVI não conseguiram estabelecer-se estavelmente em França, eram no seculo XVII os omnipotentes directores espirituaes e temporaes do rei christianissimo.

Portugal, que fôra o quartel general da Companhia, o campo neutro das suas operações quando estavam em hostilidade a

França e a Hespanha, agora que se achavam conciliadas as duas nações, Portugal tornava-se um estôrvo para a Companhia por causa da sua impertinente autonomia. Tal é a situação, o quadro diplomatico em que nos apparece a intervenção ou acção historica do Padre Vieira.

Quando chegou ao Brasil a noticia da Revolução portugueza, e que a nação redimida delegara a soberania na pessoa do Duque de Bragança pelas côrtes de 1641, o vice-rei da Bahia, que fôra nomeado pelo governo de Castella, reconheceu a independencia de Portugal e mandou seu filho D. Fernando de Mascarenhas á Europa offerecer a homenagem ao monarcha proclamado pela nação.

O Padre Antonio Vieira acompanhou o filho do vice-rei como seu habil mentor, e n'esse mesmo anno de 1641 já o jesuita se achava junto de D. João IV, propondo-lhe gigantes planos de Companhias de Commercio para a India e Brasil á imitação das Hollandezas. Por subtis suggestões assim se apoderou do animo de D. João IV, tendo entrada franca no paço e nas secretarias de Estado, assistindo ás conferencias dos ministros, possuindo a cifra dos embaixadores, e emittindo o seu parecer antes das resoluções dos tribunaes.

Em summa, o tibio D. João IV, diante de tão absorvente actividade e da omnipotencia dialectica do Padre Vieira, só lhe pedia uma cousa — *que não empregasse labia!* E textual a phrase.

O padre Vieira tratou de convencer D. João IV de que lhe seria impossivel resistir á Hespanha se essa potencia se ligasse á Hollanda; e que para evitar este perigo, mais seguro era para estabilidade do seu throno e dynastia, abandonar Pernambuco e a Bahia aos Hollandezes, dando-se desde logo em penhor uma fortaleza no reino, fazendo a paz com elles, ficando assim a lucta com a Hespanha reduzida a uma guerra defensiva.

Felizmente o Desembargo do Paço foi de opinião, que realizando-se este plano do jesuita, sobre o qual o rei o mandara consultar, seria nem mais nem menos a pêrda do Brasil, e o reino de Portugal reduzir-se-hia a um territorio isolado, á situação de uma pequena Galliza, de incorporação facil e inevitavel.

Para a Companhia de Jesus, que o Brasil fôsse dos portuguezes ou dos Hollandezes era isso indifferente para o vasto emporio mercantil que estava alli fundado.

D. João IV não pôde realisar os planos do Padre Vieira, porque achando-se o Brasil abandonado pelo governo de Portugal ás guerras dos Hollandezes, as colonias portuguezas, pela sua propria energia e sob o commando dos sublimes patriotas João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, saccudiram o jugo estrangeiro, e depois de libertarem o seu territorio, offereceram-se espontaneamente á obediencia da metropole, que as abandonara!

O padre Vieira mudou promptamente de politica; não pôde effectuar-se a offerta de Pernambuco aos Hollandezes como preço da paz, e em vez d'isso tratou de engenhar varios planos de

casamentos principescos para assegurar a estabilidade do throno de D. João IV á custa do holocausto da nacionalidade portugueza ou á França ou á Hespanha.

Com uma missão secreta partiu o Padre Antonio Vieira para Paris encarregado de tratar do casamento do principe D. Theodosio com a filha do Duque de Longueville, vindo Condé governar Portugal como uma especie de Protector, e D. João IV iria ser rei do Brasil, aproveitando o acendrado patriotismo das colonias portuguezas, que se tinham libertado dos Hollandezes. Este plano, achado em um manuscrito do Archivo da Casa do Marquez de Niza, não chegou a realisar-se pela circumstancia fortuita de a Duqueza de Longueville apparecer casada clandestinamente com Lauzan.

Sempre fertil em expedientes e *com labia*, o Padre Vieira architectou outro plano de casamento do principe D. Theodosio com a filha mais velha do duque de Orleans, Mademoiselle de Montpensier. O pae da noiva viria tomar conta do governo de Portugal. O duque de Orleans, vendo os negocios de Portugal mal parados, não acceitou a proposta, allegando que tinha certos compromissos com o Pretendente de Inglaterra. Mais lhe foi proposto que ficaria o principe rei do Algarve, casando a infanta D. Catherina com o duque de Beaufort. Por via do casamento d'esta infanta é que se entregou Bombaim á Inglaterra, que apoderando-se logo d'essa parte do imperio da India nunca mais deixou o filão d'esta nacionalidade como fiel alliada.

O biographo jesuita P.^e André de Barros, conta como o padre Vieira se achou em Roma, em 1649, combinando com o jesuita Gonzales de Mendoza o arranjarrem o casamento do principe D. Theodosio com a irmã de Carlos II de Hespanha, unificando-se assim ás duas nações.

O embaixador hespanhol Duque do Infantado enfureceu-se quando o jesuita seu adjunto lhe communicou este plano, e ameaçou o padre Antonio Vieira de mandar assassinal-o, alardeando que o seu rei Carlos II não tratava com um rebelde, e que lhe pertencia Portugal sem recorrer á indignidade de um tal casamento.

Vivendo e respirando na atmosphaera da intriga politica, o padre Vieira, que andava munido de plenos poderes para tratar d'estes casamentos reaes, e como o de D. Theodosio falhára, architectou uma empresa: volveu-se para um projecto de casamento da infanta D. Catherina com D. João de Austria; e por accôrdo com a Hespanha, D. João IV passaria para o Brasil com o titulo de rei. Mas o rei de Hespanha não chegou ao preço; não queria dar tanto pelo reino de Portugal, e limitava-se, segundo Mr. Vicoquefort, a consentir que D. João IV ficasse rei do Archipelago dos Açôres, ou, por ultimo alvitre, simplesmente rei da Sicilia.

Falharam todas estas intrigas em que o padre Vieira se poz tanto em evidencia, deixando quasi que a descoberto o jogo diplomatico da Companhia de Jesus.

Por este motivo foi mandado recolher ao Maranhão em 1650. Já no Maranhão recebeu a noticia do falecimento do príncipe D. Theodosio em 1653. A morte em seguida de D. João IV não embaraçou Vieira na elaboração dos seus antigos planos.

Segundo instrucções secretas de D. João IV á rainha D. Luiza de Gusmão, quando ella não podesse sustentar a guerra defensiva contra a Hespanha, devia abandonar Portugal ao invasor e fugir para o Brasil com a familia real e alli fixar o throno e a dynastia de Bragança.

Em 1660, vendo D. Luiza de Gusmão que, pelo tratado dos Pyreneos entre a França e a Hespanha, Portugal achava-se sem apoio para a sua resistencia, por conselho dos condes de Cantanhede e Soure, mandou ao governador de Pernambuco, Francisco de Brito Freire, que preparasse abrigo para a chegada da familia real. O padre Antonio Vieira andava então mal visto na côrte, mas é certo que esteve a pique o realisar-se o plano que tanto o agitava.

Nas luctas tormentosas do reinado de D. Affonso VI, sob o governo do conde de Castello Melhor, os jesuitas foram privados da influencia que sempre tinham exercido na côrte. Para rehaverem o ascendente perdido, trataram de demolir D. Affonso VI, e conseguiram tirar-lhe o throno e a mulher, dando-os a seu irmão D. Pedro II.

N'estas intrigas preparatorias, o pretendente quasi fratricida, patrocinado pela Companhia de Jesus, era denominado o *Encoberto*, e é a D. Pedro II que se referem as prophcias sebastianistas que os jesuitas fabricavam em nome do sapateiro Bandarra. Por causa d'estas prophcias se viu o padre Vieira envolvido em um volumoso processo da Inquisição (então governamental) e que assim dava um cheque á Companhia de Jesus (que era opposição); mas tudo mudou subitamente, desde que a Companhia poz no throno D. Pedro II e o fez carcereiro de seu proprio irmão.

Restaurado o poder jesuitico no governo de D. Pedro II, ainda appareceu um projecto de casamento da filha d'este com o príncipe castelhano, em 1676.

Vieira regressara a Portugal em 1675, mas na côrte tinham mêdo d'elle, como declara o conde de Ericeira: «o seu juizo era superior e não equal aos negocios»; e tratava-os «mais subtilmente do que o comprehendiam os outros principes e ministros». N'estas subtilezas consistia o jogo da Companhia; por isso, como elle já nada aproveitava aos interesses da corporação, foi atirado para o canto, recolhendo-se á Bahia em 27 de janeiro de 1681, vegetando sem importancia em um Collegio até ao momento da sua morte.

THEOPHILO BRAGA.

(Do livro a sahir *Os Seiscentistas*).

HORA ABSURDA

O teu silencio é uma nau com todas as velas pandas...
Brandas, as brisas brincam nas flammulas, teu sorriso...
E o teu sorriso no teu silencio é as escadas e as andas
Com que me finjo mais alto e ao pé de qualquer paraíso...

Meu coração é uma amphora que cahe e que se parte...
O teu silencio recolhe-o e guarda-o, partido, a um canto...
Minha idéa de ti é um cadaver que o mar traz á praia... e emtanto
Tu és a tela irreal em que érro em côr a minha arte ..

Abre todas as portas e que o vento varra a idéa
Que temos de que um fumo perfuma de ocio os salões...
Minha alma é uma caverna enchida p'la maré cheia,
E a minha idéa de te sonhar uma caravana de histriões...

Chove ouro baço, mas não no lá-fóra... É em mim... Sou a Hora,
E a Hora é de assombros e toda ella escombros d'ella...
Na minha attenção ha uma viuva pobre que nunca chora...
No meu céu interior nunca houve uma unica estrella...

Hoje o céu é pesado como a idéa de nunca chegar a um porto...
A chuva miuda é vazia... A Hora sabe a ter sido...
Não haver qualquer cousa como leitos para as naus!... Absorto
Em se alhear de si, teu olhar é uma praga sem sentido...

Todas as minhas horas são feitas de jaspe negro,
Minhas ancias todas talhadas num marmore que não ha,
Não é alegria nem dor esta dor com que me alégro,
E a minha bondade inversa não é nem bôa nem má...

Os feixes dos líctores abriram-se á beira dos caminhos...
Os pendões das victorias medievaes nem chegaram ás cruzadas...
Puzeram in-folios uteis entre as pedras das barricadas...
E a herva cresceu nas vias-ferreas com viços damninhos...

Ah, como esta hora é velha!... E todas as naus partiram!...
Na praia só um cabo morto e uns restos de vela fallam
Do Longe, das horas do Sul, de onde os nossos sonhos tiram
Aquella angustia de sonhar mais que até para si calam...

O palacio está em ruinas... Dóe ver no parque o abandono
Da fonte sem repuxo... Ninguem ergue o olhar da estrada
E sente saudades de si ante aquelle logar-outomno...
Esta paysagem é um manuscripto com a phrase mais bella cortada...

A doida partiu todos os candelabros glabros,
Sujou de humano o lago com cartas rasgadas, muitas...
E a minha alma é aquella luz que não mais haverá nos candelabros...
E que querem ao lado aziago minhas ansias, brisas fortuitas?...

Porque me afflijo e me enfermo?... Deitam-se nuas ao luar
Todas as nymphas... Veiu o sol e já tinham partido...
O teu silencio que me embala é a idéa de naufragar,
E a idéa de a tua voz soar a lyra d'um Apollo fingido...

Já não ha caudas de pavões todas olhos nos jardins de outr'ora...
As proprias sombras estão mais tristes... Ainda
Ha rastos de vestes de aias (parece) no chão, e ainda chora
Um como que echo de passos pela alameda que eis finda...

Todos os occasos fundiram-se na minha alma...
As relvas de todos os prados foram frescas sob meus pés frios...
Seccou em teu olhar a idéa de te julgares calma,
E eu ver isso em ti é um porto sem navios...

Ergueram-se a um tempo todos os remos... Pelo ouro das searas
Passou uma saudade de não serem o mar... Em frente
Ao meu throno de alheamento ha gestos com pedras raras...
Minha alma é uma lampada que se apagou e ainda está quente...

Ah, e o teu silencio é um perfil de pincaro ao sol!
Todas as princezas sentirem o seio opprimido...
Da ultima janella do castello só um girasol
Se vê, e o sonhar que ha outros põe brumas no nosso sentido...

Sermos, e não sermos mais!... Ó leões nascidos na jaula!...
Repique de sinos para além, no Outro Valle .. Perto?...
Arde o collegio e uma creança ficou fechada na aula...
Porque não ha de ser o Norte o Sul?... O que está descoberto?...

E eu deliro... De repente pauso no que penso... Fito-te
E o teu silencio é uma cegueira minha... Fito-te e sonho...
Ha coisas rubras e cobras no modo como medito-te,
E a tua idéa sabe á lembrança de um sabor de medonho...

Para que não ter por ti desprezo? Porque não perdel-o?...
Ah, deixa que eu te ignore... O teu silencio é um leque—
Um leque fechado, um leque que aberto seria tão bello, tão bello,
Mas mais bello é não o abrir, para que a Hora não peque...

Gelaram todas as mãos cruzadas sobre todos os peitos...
Murcharam mais flores do que as que havia no jardim...
O meu amar-te é uma cathedral de silencios eleitos,
E os meus sonhos uma escada sem principio mas com fim...

Alguem vae entrar pela porta... Sente-se o ar sorrir...
Tecedieras viuvas gosam as mortalhas de virgens que tecem..
Ah, o teu tedio é uma estatua de uma mulher que ha de vir,
O perfume que os crysantemos teriam, se o tivessem...

É preciso destruir o proposito de todas as pontes,
Vestir de alheamento as paysagens de todas as terras,
Endireitar á força a curva dos horisontes,
E gemer por ter de viver, como um ruido brusco de serras...

Ha tão pouca gente que ame as paysagens que não existem!...
Saber que continuará a haver o mesmo mundo amanhã — como nos desalégria!...
Que o meu ouvir o teu silencio não seja nuvens que attristem
O teu sorriso, anjo exilado, e o teu tedio, auréola negra...

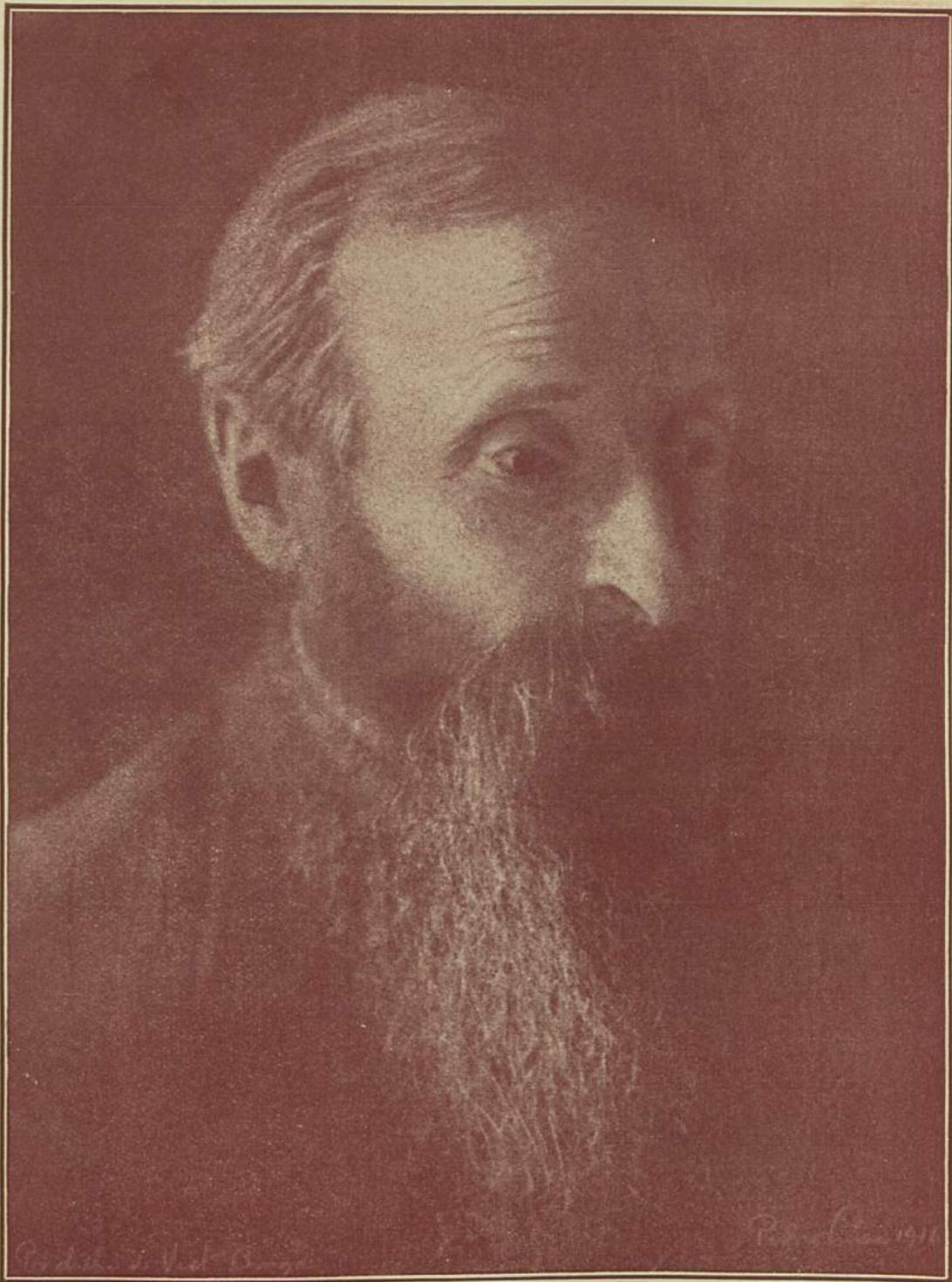
Suave, como ter mãe e irmãs, a tarde rica desce...
Não chove já, e o vasto céu é um grande sorriso imperfeito...
A minha consciencia de ter consciencia de ti é uma prece,
E o meu saber-te a sorrir é uma flôr murcha a meu peito...

Ah, se fôssemos duas figuras num longinquo vitral!...
Ah, se fôssemos as duas côres de uma bandeira de gloria!...
Estatua acéphala posta a um canto, poeirenta pia baptismal,
Pendão de vencidos tendo escripto ao centro este lemma — *Victoria!*

O que é que me tortura?... Se até a tua face calma
Só me enche de tedios e de opios de ocios medonhos!...
Não sei... Eu sou um doido que estranha a sua propria alma...
Eu fui amado em effigie num paiz para além dos sonhos...

Lisboa, 4 de Julho de 1913.

FERNANDO PESSÔA.

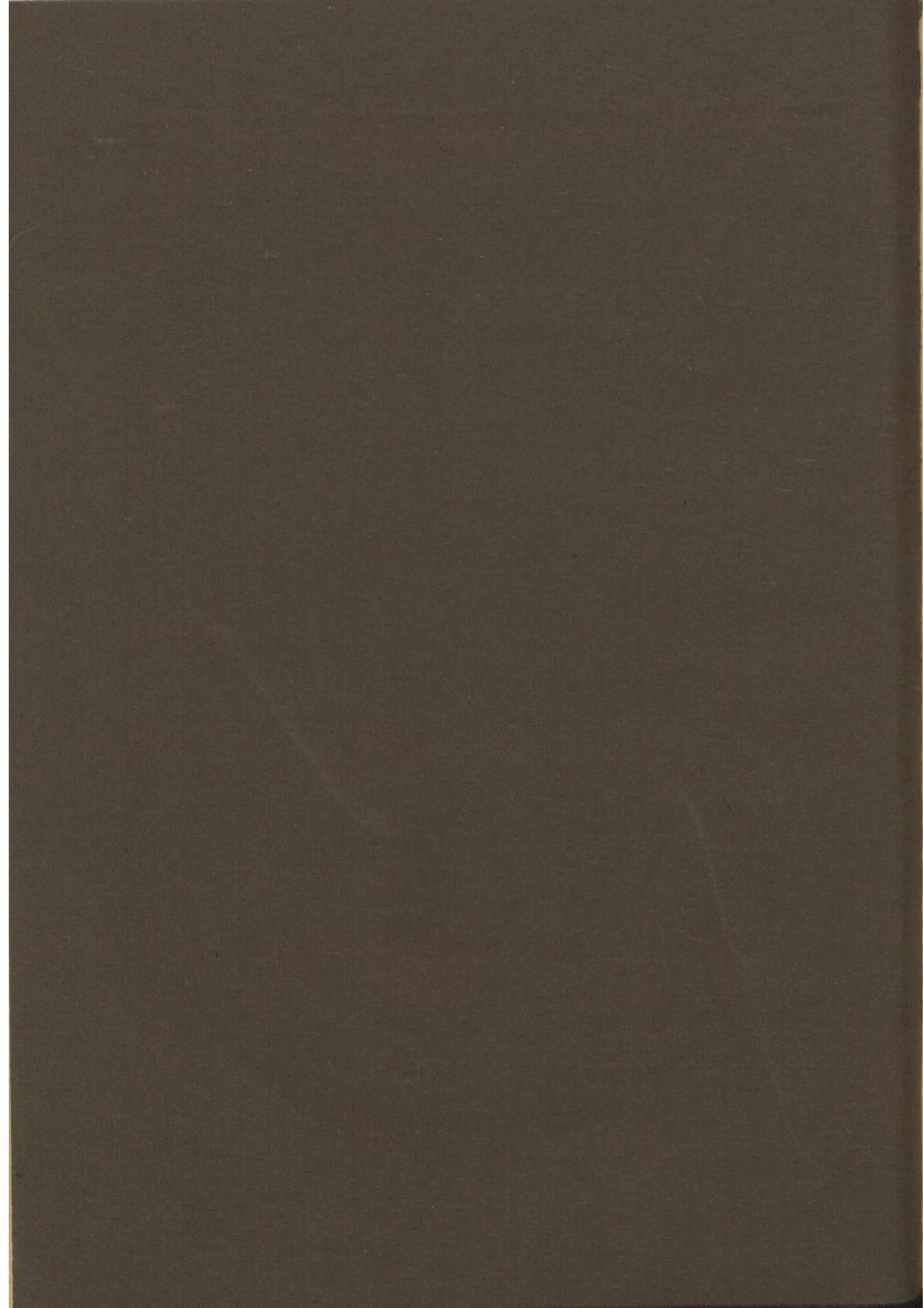


GUERRA JUNQUEIRO

— Retrato inédito —

Cliché de VICTORIANO BRAGA

STUDIO
AVENIDA, 131
LISBOA



A colina inspirada

(Fragmento)

Quero agora nas visinhanças duma colina inspirada, onde sopra o Vento-do-Espirito, como nesses'outra em que Barrés escutou o diálogo eterno da campina com a ermida. Peregrino das grandes emoções, todas as tardes a subo, quando o poente já não é mais que uma ferida rubra inflamada. Caem vagas as primeiras sombras. E das primeiras sombras se animam então as vertentes povoadas de oliveiras, que avançam pela argila vermelha como que em modos reverentes de cortejo.

Uma vez ali, a paisagem deixa de ser instintiva para se mostrar torturada e difícil. Sumiram-se no vale, escondidas pela encosta, as minhas verduras virgilianas. Não chegam lá acima os murmurios da agua correndo sempre no giro manso das regas. Uma gravidade súbita se apossa das coisas, tornadas serias pela meditação. A gleba ali é mordida de sêdes impenitentes. Foi mais trabalhada pelos desejos e pelas canceiras do homem do que pelo favor maternal das estações. Se ainda houvesse profetas no mundo, Deus podia falar-lhes do alto desta colina!

Todas as tardes a subo, porque ela — a colina inspirada — ensina-me a suprema lição da Terra e dos Mortos. É bem um curso de energia nacional que eu ando a tirar pelas lentas calmas de agosto, com a canícula esbravejando no ceu impassível e o traço esbatido dos longes fixando-se em linhas crudelíssimas de luz. Ergue-me a alma doente a alma centenaria dos arvoredos que guarda consigo a presença impalpavel de não sei que misterio. Revela-se em

tudo um segredo que eu não decifro, de tudo se desprende uma religiosidade que é profunda e chega a encher-se das azas do pavor divino, se á noite a lua ascende devagar, derramando uma claridade baça de sortilegio. Adivinham-se, dispersos na écloga permanente do vale, uns restos de hino heroico que as nossas veias entendem melhor que o nosso entendimento. Respira-se um ar de oferenda liturgica no olivedo que marcha, recolhido, caminho da colina, nos choupos que se curvam para o leito do ribeiro. O vale parece antes um logar abandonado de sacrificio diante do silencio austero da colina. Aqui verteu-se sangue. Talvez que para memoria do sangue vertido tenha uma côr desbotada de carnificina o chão gretado e barrento.

Aqui verteu-se sangue, — e sangue propiciatorio! No entanto, os aurúspices abalaram, o cutelo sagrado já se não embebe ha muito no peito fremente das victimas. Quebraram-se as lápides votivas, extinguiu-se a chama inquieta das alampadas. Nunca mais se viram as turbas dançando e cantando á roda do santuario olvidado. Só no alto da colina, mais forte que o isolamento, o Vento-do-Espirito ficou.

Aqui verteu-se sangue! Mas o sangue vertido não subiu envolto em vapores acres para a deusa abundante que concede a fartura das colheitas e preside em casa á repartição das sementes. Nem os genios ocultos da Fecundidade se sentiram nomeados durante a orgia brava de hecatombe. O sangue vertido desceu ás raizes, penetrou no intimo dos torrões, adoçou a rijeza das moutas, fez de cada tronco um gesto de elevação para os ceus. Ajoelhemos! Estamos em frente dum altar em que a divindade é a raça e os sacerdotes somos nós. Ajoelhemos! Na expressão parada do olivedo adivinha-se a recordação do sangue derramado. A charrua com que a geira é amanhada não perdeu ainda o talhe da espada antiga. O ferro que hoje nos lavra a courela é ainda o ferro que ontem a recuperou. Ajoelhemos, com os olhos da carne fechados, para que os outros, os de dentro, se possam abrir. No alto da colina o Vento-do-Espirito vai ouvir-se. Crescendo em surdina do vale, a estrofe errante do Passado é, agora ao crepúsculo, como que um grito súbito de Anunciação.

Aqui derramou-se sangue, — e sangue propiciatorio, sangue bom de portuguezes! É este o terreno mais que bendito em que os avós de Seiscentos brigaram com os soldados de Castela «uma singular e profiada batalha que durou das nove da manhã até se çarrar a noite» — reza na encosta um letreiro ingenuo que aprouve ao tempo poupar para que os homens o esquecessem. Eu a evoco — a essa «singular e profiada batalha», debruçado para o meu atavismo á pro-

cura dalguma reminiscencia hereditaria. Com um sol pálido de inverno assomando a custo por entre os nevoeiros, oh, como seria a colina na hora trágica em que á roda dela se decidiam os destinos dum povo! Não houve lareira, por toda a provincia de Antre Tejo-e-Guadiana, que não tivesse ali um filho ou um noivo debaixo dos golpes duros do inimigo.

Ao fundo, a cidade torcia-se nas inclemencias do assedio, com o halito negro da péste, aspirando-a vorazmente. Acudidos de largo para a livrarem dos aneis apertados do cerco, os nossos atacaram de surpresa as avançadas arrogantes da gente estrangeira, ao toque dos clarins e ao rufo dos atambores. A colina não passava então dum outeiro redondinho, sem vocação mística, entre os outeirinhos redondos que á sua volta trocam as mãos e formam cadeia. O Vento-do-Espirito só a visitou depois que o sangue fez dela uma ara constante, dedicada á piedade pelos Manes.

Entre-se na ermida que a corôa christianissimamente. Na rudez das paredes nuas, nada há que rememore o grande sacrificio que a colina abençoou. É uma capela rústica de aldeia, onde o luxo é a cal e o aceio a maior pompa que porventura ainda conheceu. Mas Deus — o Deus dos Exércitos, o Deus dos Combates, o Jehovah tremendo dos exterminios biblicos, decerto se repouzou ali por momentos da Sua ira de Senhor Omnipotente para escutar os latins agradecidos com que Lhe ofereceram uma morada na colina. É o Deus das Victorias que lá habita, no templo deserto em que já se não elevam as orações, aonde, no entanto, eu subo todas as tardes, ao crepúsculo, para melhor aprender no misterio da Terra e dos Mortos o segredo profundo que na colina reside.

Foi, na verdade, essa batalha uma «singular e profiada batalha»! Ao espalhar-se a ruim nova da invasão, acorrem logo prontas as tropas bisonhas da Ordenança. Os Concelhos mandaram velhos e moços á defeza da gleba. Enquanto a sorte das armas se jogava em arreganhos de bravura nunca excedida, os da cidade, ao fundo, passeavam o Senhor-Exposto pelas muralhas apinhadas de rostos expectantes. Ardendo em febre, como figuras de pesadelo, levantavam-se do catre os pestíferos para correrem ao campo, para morrerem ao menos com dignidade. Pedia-se um milagre, em face do poder estrondoso de Castela. Torcidos de supplicas, os braços atiravam-se para o alto, implorando, invocando.

É o milagre veiu, — veiu num frade que combateu sempre por nós na vanguarda e que era, ao que parece, o nosso glorioso padre Santo Antonio. A batalha levámo-la

doidamente, num frenesim. Não se tratava, não! duma aventura militar, fiada em principios sólidos de arte bélica. Tratava-se da familia em perigo, do lar ameaçado, do pão nosso de cada dia.

Os de Flandres morderam a terra para que a terra lhes desse o fôlego com que venceram a mais pura farinha da cavalaria francêsa. Nós não morderíamos o chão, se nos lembrassemos de pedir alentos á terra. Beija-la-íamos simplesmente, tal como Nun'Alvares na charneca crestada dos Atoleiros.

.....

ANTONIO SARDINHA.

(Do livro em esboço, *Educação sentimental*).

Signal da Raça



Teus olhos verdes, filhos da Paysagem,
São netinhos do Mar, do avô Oceano...
D'elles se evola' espiritual aragem,
Ó minha Primavera em todo o anno!

Teus olhos verdes, causa do meu damno,
Evocam-me não sei que ideal paragem,
A Nau Catherineta a todo o panno
No mar-alto e as canções da marinhagem!

Em teus olhos perpassa, sonha e reza
Nossa eterna Epopeia e a suavidade
Da antiga e ingenua graça portugueza...

Eis porque o teu olhar no meu influe!
Teus olhos são espelhos d'outra-Edade
Onde me vêjo no que eu d'antes fui!

TUA PRESENÇA

Sosinho! . . . É noite . . . A voz de Deus me emballa
No murmúrio do vento! e eu rezo e eu digo:
— Que de mysterios o Silencio cala!
— Que deuses scismarão em meu postigo?!

Tudo quanto não vê, nem ouve ou falla,
Novo sentido occulta em seu abrigo;
Amôr! tua Presença em minha salla,
Deixa as paredes a sonhar comtigo!

Ellas ólham-me, eu ólho-as . . . Um momento
Ha entre nós um mutuo entendimento
E n'ellas o Mysterio me sorri!

Meu unico receio, assim ao vêl-as,
É que um dia adormeças tu por ellas
E ellas acórdem, meu Amôr, por ti!

CÉU

O Céu não é no Céu como imagina
Tua infantilidade ó meu Amôr . . .

— Ha Céu em cada rua, em cada esquina,
Em volta de uma abelha ou de uma flôr.

— Ha Céu em tua bocca e na menina
Dos teus olhos, tão cheios de calôr,
— Ha céus azues, ha céus de côr mais fina
E ha céus até a que se ignóra a côr.

— Ha Céu em teu redor, bem o sinto eu,
Quando á janella, para ver-me, assómas!
Se côrro para ti entro em teu Céu

E deixo atraz de mim Céu quando passo!
— Ha Céu nas attitudes que tu tómas
E até ha Céu nos versos que eu te faço!

Ao Almada Negreiros

MEMORIAS D'UM ESPELHO

Nasci na primavera!

E o primeiro vulto que reflecti foi um operario esqualido, que por causa dos meus freguezes se infiltrára nos elementos peçonhentos donde eu saí. E em mim poude verificar o estado do seu mal, filho dos trabalhos forçados da Nova Eseravidão. D'ele fixei a expressão da miseria: tão pobre e tão cançada, tão triste e obscura!

Com orgulho vi pela primeira vez o Sol. E encandeei umas virgens brincalhonas que duma janela alta apeteçiam adolescentes domingueiros.

Adornando os Grandes Armazens onde haviam de vender-me, via passar á pressa fitas de invasores, amodorrados nas compras do luxo; nos recados da Civilização. E inconsciente, reflectia, reflectia sempre as paredes fronteiras; os homens e as coisas; as bugigangas e os sorrisos, e as poeiras doiradas...

E o meu aço, de prata, prolongava a sala e o pavimento e estendia as luzes até lá ao longe, infinitamente.

De manhã, limpavam-me do pó. E eu sentia a macieza do espanador do meu creado, a mostrar-me na face sanguinea a força inexpressiva e satisfeita dos triunfos leves. Gozava a reproduzir a florida mocidade das empregadas ali presas. E ensinava os D. Juan a arranjarem o nó da gravatinha nas vespas das conquistas.

Uma vez, á pressa, o olhar de um homem de chapéu de côco percorreu-me, negligente; — fixou-me. Rasparam-me a etiqueta do preço-fixo. E eu deixei, para nunca mais, os Armazens e as multidões; as caixeiras e os gramofones...

Fui enfeitar o ninho de uma noiva! Ensinei-lhe a compôr as flores de laranjeira, a orgulhar-se das pedrarias caras; e a encontrar no chão a ingenuidade que lhe faltava no olhar brilhante em demasia... Conheci as esperanças de uma mãe. E registei, dia a dia, a retirada de uma afeição a desabar. A familia vinha chorar diante de mim. E, com respeito, aprendi então as expressões variadas da dôr, do despeito, da desilusão... Vi as lagrimas d'uma sogra! a inocencia de uma creancita loira; o arrolamento da Justiça; a sentença do divorcio. E na pechincha de uma liquidação geral fui vendido em segunda mão...

Pertenci a um barbeiro; reflecti marrafinhas lambidas e caras empoadas; e estudei a influencia da gorgeta na expressão dos proletarios.

Adornei uma sala de jogo.

Estive n'um hotel. A vossa Humanidade sempre é muito banal! Ha mais consciencias eguaes que narizes parecidos. E olhai: a ultima coisa que vos deixa não é a esperança — é a vaidade!

Disfrutei uma velha rica que casára com um novo civilizado.

Passei a um grande parlamentar. Ensaiei gestos teatraes, olhares ambiguos. E afiei ironias e lisonjas. Fiz então uma classificação dos sorrisos finos e dos bons actores.

Fui d'um efebo que amava a sua figurita galante e fazia a côrte ás linhas sinuosas do corpinho efeminado. Apurava em mim olhares macios, e exercitava expressões simpaticas. Mostrava-me os seus encantos e em mim namorava a sua natureza complacente. Assisti a episodios exquisitos, reproduzi coisas para corar, scenas nuas, realismos inarraveis... — Uma noite empenhou-me.

Então vestiram-me uma linda moldura de veludo côr de sangue... E coroado d'um brazão simbolico e doirado, nunca eu fôra tão magnifico. Lembrei-me dos meus colegas de Veneza, que nunca envelhecem, que são imortaes.

Mas já eu estava então aborrecido da vida, ha muito tempo a um canto, ás moscas e ao pó, n'um palacio muito frio e muito grande.

Uma bela manhã, n'um intervalo de inverno, achei-me suspenso, n'um ninho almofadado e quente, — ao lado d'um leito macio e fôfo,

de cobertas de seda e lençoes de rendas. N'essa noite, até altas horas, conheci as feições pintadas da minha nova dona. — Vi olhares em alvo; bigodes variados e calvas tão espelhentas como eu...

Ali hibernei mezes, anos... Respirava pó de arroz, essencias caras. E, sensual, namorava retratos coloridos; posições excéntricas; *poses* picantes. Vivi em pandegas fantasticas. Apanhei caretas sensuaes. Estudei expressões esdruxulas, olhares quebrados e fiquei conhecendo muita gente; muita gente boa, muita cara palida. Interrompi desculpas impotentes, caprichos originaes; inversões refinadas. E os beijos maquinaes e a lingua carminada da minha nova dona deslisavam, deslisavam sempre. — Fiquei desmoralizado!...

E ainda hoje me lembro do ranger de dentes insaciavel. Do colear enervante de cobras voluptuosas, dos beijos sequiosos, dos contactos aveludados, dos arrepios electrizantes... — E — que querem? — tenho saudades!...

Quanta vez eu fui maculado de lagrimas de amor! E a seguir luzia o preço metalico d'aquela vida facil que eu estava condenado a reproduzir eternamente. Para mim, amanhecia á tarde. E ás vezes, nem via o Sol. Só me sobejava a luz aberrante das orgias palidas... E sempre, sempre, quotidianamente, acompanhava-lhe o despertar flacido, entre os maculados lençoes — talvez da mesma peça donde saem as rendas das creanças, as camisas das noivas e os forros das tumbas...

Passou tempo. Uma vez os olhos dela fixaram-me: e contemplei na sua face macilenta manchas negras. E mais tarde feridas. E um dia os ossos chegaram a ver-se!

Ora n'uma madrugada luminosa, veiu uma cara muito conhecida dela. Fôra quem lhe inspirara as caricias mais sentidas; os erotismos mais exquisitos; os apertões mais soffregos; os espasmos mais agudos. Uma fita negra ocultava-lhe, no rosto, qualquer coisa maldita que ela lhe pegára.

Quando entrou, viu-a, com um luzir tragico no olhar furioso. Abraçou-a, beijou-a nas gengivas. Apertou-a... — E, pouco a pouco, foi-lhe estrangulando o colo irrepreensivel!... — Acompanhei os estertores agonicos da vitima e a vingança saciada do assassino.

Um cadaver tombou. Ele olhou-a. E tirou a mascara. Na face acóbreada, vi com horror uma podridão horrivel.

Nós os espelhos, não somos como os senhores: nós nunca mentimos. E ele fixára-me, a absorver-se... Então o infame,

desesperado, louco, esmurrou-me, quebrou-me em estilhas... Eu, a defender-me, senti que as minhas arestas cortantes lhe rasgavam as carnes e lhe cortavam os tendões até ao osso... E experimentei o calor excitante do sangue do vosso proximo...

Arrancaram-me a bonita moldura: — foi ilustrar a efigie d'um santo, que as Escrituras referem casto.

E n'um fragmento das minhas entranhas, onde está a minha alma, ainda alimentei a vaidade saloia d'uma creadinha relativamente honesta.

Envelheci. Embaciado e ferido, ulcerado, o meu aço luminoso apagou-se, foi-se desfazendo... Ceguei: fiquei só vidro.

Então venderam-me... Venderam-me? que vergonha: já não valho nada: — Deram-me. Depois fui parar ao caixote do lixo.

Oh! E não me leveis a mal que antes de acabar de morrer arquivasse, nas estreitas linhas que acima ficam, a pequena historia do meu passado.

Hoje... — sou propriedade d'um sapateiro: e sirvo apenas para raspar a sola dos sapatos com que tu, leitor, has-de pulir a calçada do teu viver e visitar o Cemiterio onde móra o teu Descanso.

ANTONIO RITA-MARTINS.

Poente de Nero

*Ao Alberto Monsaraz
(Conde de Monsaraz)*

No poente, as velhas torres
que n'este longo outono de cançasso
erguem o busto, sonolento e basso,
as velhas torres do castelo, ao poente,
súbito ganham púrpuras de glória,
e sob o pó dos séculos o mármore
evoca as tardes loiras de vitória...

Vai de rastos o sol, na bruma, ao largo!

...poente d'oiro em braza:
— todo um olor a fogo se derrama...
Do brônzeo e lóbrego letargo
o Burgo surge, emoldurado em chama!

...poente d'oiro em braza.

Eia! — do alto das muralhas
já o sol canta a elegia bárbara
de fogo e sangue, em rútilas batalhas...

Já das ruínas surge o espectro do que foi!
— sangue de moiros aloirando ameas...
batem-se os leões do mar! Tinem punhais, e logo
gritam arnezes ecos de epopeas...
— olhai! a Côr entôa a apoteose do Fogo!

Crepita o azul. A braza, em vertigens, em êxtases,
esculpe ogivas, sonha architecturas!
E sobre os montes, longe, ardem reflexos
de bronzes, de vitrais, e iluminuras...

Vai de rastos o sol!

...e o Burgo surge, emoldurado em braza.

Zimbórios colossais
de catedrais esguias
— espectros de Bysancio a arder, no poente,
súbito irrompem d'entre a chama,
mitrados d'oiro e lhama
recobertos de glória e pedrarias...

O Burgo surge, emoldurado em braza.

Nas rozáceas em flor, no mármore polido,
nas ondas dos pendões, que o vento ao sol desfralda,
ha reverberações de ferro incandescido,
relevos de brazeira, eflorescências d'oiro,
cambiantes de rubins, e púrpura, e esmeralda...

Olhai! Olhai! — o ceu está em brazas!...

Como uma boca imensamente em fogo,
imensamente em labaredas turvas,
o Sol vomita brazas,
brazas que ondeiam em delírios de serpente,
e cabriolando, e voltijando, em curvas,
e oblíquas, sinuosas, transversais,
e indefinidas, e infinitamente!...

Oh! as sinistras dálias sanguinosas,
e as grandes rosas, fulvas, do sol-poente,
que desabrocham, a cantar, do incêndio
e que ensanguentam os perfis das casas
e crescem, crescem, tórvamente em chama,
n'um ramilhete olímpico de brazas!

Lubricamente o fogo assalta os mármorees,
corre, vâa a abraça-las, a estontea-las,
lubricamente, as colunatas góticas,
lubricamente, as rendas cristianissimas
que para o azul bordaram mãos de opalas!

Flamejam os vitrais!
Rasgam lume, no azul, as rútilas pirâmides
do alto das catedrais!
E todo o Burgo é um vitral iluminado
a rubins e punhais...

Eia, o incêndio do sol! Sou Nero, olhai!
— incendiei de poente uma cidade inteira...
Quimera de crear!
oh única quimera verdadeira!

II

Entanto a noite desce, orfã de luar.
Tudo se esfuma e apaga
em torva escuridão, em sombra vaga...
E já o incendio do poente é cinza,
e o azul — uma safira a desmaiar...

Tudo se esfuma e apaga
em torva escuridão.
Ai dos altos castelos, ai dos sonhos belos!
— porque tão alto vôas, coração?

Breve, o oiro se transforma em pó.
Olhai, olhai!
— já o incêndio do poente é cinza, é sombra, é névoa...
E o vento deita a soluçar:
— cinza que já foi oiro, eu tomo-a e levo-a
de rastos, para o túmulo do mar!

E já não pára o vento de gritar:
— «altos castelos, no alto da montanha,
oh meu castelo cinzento,
oh meu castelo em Hespanha!
tudo era sonho e névoa de mim mesmo!
— vento eu sou! meu castelo era tambem de vento!

Entanto a Noite desce.
...e já não pára o vento de gritar!

MARTINHO NOBRE DE MELLO.

VIA-SACRA

Oração:

Nossa Senhora da Saudade,
Irmã dos lírios brancos ao luar,
Senhora da Soledade,
Unge meus versos com o teu olhar.

Nossa Senhora da Ausência
E cujos olhos são irmãos do mar,
Senhora da Inocência,
Unge meus olhos com o teu olhar.

Por tantas horas fundas de desgraça,
Senhora do Sofrimento,
Unge meus lábios com a tua graça.

E pela vida oculta desta Dor,
Senhora do Livramento,
Unge minh'Alma com o teu Amor.

I

Primeira Estação

Caminho de Saudade e de Distância,
A cruz d'Ausência sôbre os ombros meus,
E meu corpo vergado resa a ânsia
Que têm meus lábios de resar os teus.

Caminho de Saudade e d'Agonia,
Ritmos do teu andar nos passos meus...
Sinto-te atrás de mim como Maria
E vejo-te ante mim junto de Deus.

Teus olhos verdes são paisagens idas,
Aonde, no cortejo de estertor
Das horas que em não têr-te são perdidas,

Passo na Via-Sacra torturada
De te sentir ausente, meu Amor,
E têr-te só em mim transfigurada.

II

Segunda Estação

No tanque do jardim a sua imagem
Morreu por entre sombras de abandono,
E o vento nas ramagens foi o pagem
Que veio despir as vestes ao Outono.

Outono. No poente dolorido
O seu perfil apenumbrou saudade...
E foram sombras mortas seu vestido
E seu sorriso foi irmão da tarde.

Caír de folhas sôbre o rio lento...
Teu pranto nos meus olhos derradeira
Hora do mesmo oculto sofrimento.

Lírios nas tuas mãos desfalecendo...
Tua presença agora é a tarde inteira
Que vem no meu olhar anoitecendo.

III

Terceira Estação

Sonham comigo tuas mãos esguias,
As tuas mãos esguias no regaço...
Minhas saudades são as pedrarias
Estrêlas dos teus dedos no espaço.

Sonham comigo tuas mãos esguias
Num gesto de abandono e de cansaço,
E o mesmo gesto unge as horas frias
Que a Distância vem pôr no teu regaço.

Teus dedos longos são as naus partidas
Por noites sem luar e sem estrêlas
A paragens remotas, esquecidas.

E tua alma fica sempre em vão
Olhando dos teus olhos nas janelas
O mar sem naus e apenas solidão!

Lisboa e Janeiro de 1916.

CÔRTEZ-RODRIGUES.

Canção da Madalena

1

Não lamentem Madalena
Que ela razão não vos deu:
Fêz o mesmo que Jesus,
Pelos homens se perdeu!

2

Madalena foi o beijo
Que fêz nascer o Senhor...
(O beijo que fêz Jesus
Havia de ser amor...)

3

Madalena quando abraça
Tem Cristo nos braços seus:
Possuir-te, Madalena,
É como possuir Deus!

4

O teu amor pelos homens
Dissipou-se como o fumo,
Que na verdade amar Deus
É amá-los em resumo!

5

Eras o corpo de Deus,
Êle era a alma serena...
Não tinha corpo p'ra amar...
Dáva-se em ti, Madalena!

6

Beijaste tanto Jesus,
Num tal crescer de desejos,
Que já não beijavas Cristo...
Tu beijavas os teus beijos!

15-11-914.

ANTONIO FERRO.

(Do livro em preparação *Jerusalém*).

Canção da Madalena

Poesia de ANTONIO FERRO

Musica de DAVID DE SOUZA

Lento

PIANO

The piano introduction consists of two staves. The right hand plays a series of chords and single notes in a slow, contemplative mood. The left hand provides a simple harmonic accompaniment with long, flowing lines.

vóz

Não lamentem Ma-da-le-na Quella ra-zão não vos

The vocal line begins with a melodic phrase in the right hand. The piano accompaniment continues with a steady, rhythmic accompaniment in both hands.

deu: Fez o mesmo que Je-sus

The vocal line continues with a melodic phrase. The piano accompaniment features some chromatic movement in the right hand, while the left hand remains steady.

Pelos homens se per-deu! Mada-le-na foi o

cresc.

The vocal line concludes with a melodic phrase. The piano accompaniment includes a 'cresc.' (crescendo) marking and some chromatic movement in the right hand.

bei - - - jo Que fez nascero Se - nhor D

The first system of music features a vocal line on a treble clef staff and a piano accompaniment on grand staff (treble and bass clefs). The key signature has two flats (B-flat and E-flat), and the time signature is 3/4. The vocal line begins with a long note on 'bei' followed by a dotted quarter note on 'jo'. The piano accompaniment consists of a steady eighth-note pattern in the right hand and a more active bass line in the left hand.

bei - jo que fez Je - sus Ha - vi - a de ser a -

molto rall.

The second system continues the vocal line and piano accompaniment. The vocal line has a triplet of eighth notes on 'Ha - vi - a' and a long note on 'a -'. The piano accompaniment features a 'molto rall.' (very slow) section with sustained chords and a melodic line in the bass. A 'Red.' (ritardando) marking is present at the end of the system.

1ª VEZ

mor. - - - - -

The first system of the first ending (1ª VEZ) shows the piano accompaniment. It begins with a 'mor.' (more) marking and a dotted line indicating a long note. The piano part features sustained chords and a melodic line in the bass, leading to a double bar line.

2ª VEZ

bei - jos - - - -

The second system of the first ending (2ª VEZ) continues the piano accompaniment. It features sustained chords and a melodic line in the bass, leading to a double bar line. The word 'Homenis' is written at the bottom right of the page.

D. Rodrigo da Cunha

e a

Numismatica Portuguesa ⁽¹⁾

Bem diferente dos seus colegas, o ardiloso D. Antonio Pinheiro, bispo de Leiria ⁽²⁾, e o santarrão de Braga, D. Fr. Bartolomeu dos Martires ⁽³⁾, ambos os quais tanto mexeram no lodaçal em que se atolou a patria, para lá arremessada de vez pela garra sanguinosa do Tigre do Escorial, D. Rodrigo da Cunha foi patriota denodado, que nos transes affitivos que Portugal passou sob o dominio felipino esteve sempre ao lado da justiça, já opondo-se com tenacidade ás exigencias de Castela, já promovendo, quanto em si cabia, a restauração ⁽⁴⁾. Nasceu em 1577, e faleceu em 1643. Exerceu altos cargos, quais os de inquisidor, bispo de Portalegre e do Porto, e arcebispo de Braga e de Lisboa. As horas que «as obrigações pastorais e publicas» (palavras suas) lhe deixavam livres, applicava-as a estudos literarios; escreveu assim, em optimo portuguez, obras que vem mencionadas nos seus biografos ⁽⁵⁾. Numa d'elas, a *Historia ecclesiastica da igreja de Lisboa* ⁽⁶⁾, Lisboa 1642, ha dois capitulos, o 20.º e 21.º, divididos em paragrafos, e comprehendidos na parte II (fs. 102-109; as duas partes formam um só volume), em que D. Rodrigo da Cunha se ocupa de Numismatica. O trabalho tem por titulo *Moedas que correrão & se lavraraõ em Portugal do tempo*

(1) Este artigo faz parte de uma obra que está em elaboração, e que trata da historia da Numismatica em Portugal.

(2) Rebelo da Silva, *Hist. de Portugal*, II, 233-236.

(3) Rebelo, *Hist.*, II, 445; Th. Braga, *Curso da Hist. da Lit. Port.*, p. 321.

(4) D. José Barbosa, *Memorias*, pag. 270-272.

(5) D. José Barbosa, *Memor.*, pag. 275-277; Barbosa Machado, *Bibl. Lusit.*, III, 643-644. Cf. Inocencio, *Dicc. Bibl.*, VII, 167-169. — Por curiosidade, cito outra biografia d'ele, por D. Manoel Caetano de Sousa, *Coll. de docs. e mem. da Academia da Historia*, n.º XXXIII, pag. 53 ss. do *Catalogo dos pontífices, cardiais, etc.* — Vid. tambem a auto-biografia no *Catalogo dos bispos do Porto*, Porto, 1623, pt. II, pag. 363-365, e na *Hist. ecclesiast. de Braga*, t. II, Braga, 1635, cap. 106.

(6) Titulo pleonastico; bastava ser *Hist. eccles. de Lisboa*, ou *Hist. da igreja de Lisboa*. Para abreviar, adopto o primeiro d'estes dois. D'esta obra, fs. 1, foi que extratei as palavras que acima citei como de D. Rodrigo. — Da *Hist. eccles. de Lisboa* ficou manuscrito, e por acabar, o t. II, á morte do autor; foi concluido e adicionado pelo sobrinho d'este, D. Antonio da Cunha: vid. D. José Barbosa, *Memor.*, p. 277.

del Rey dom Affonso Henriques até o anno de 1640, seus preços & valia, e pôde considerar-se composto de tres secções.

Na 1.^a secção (cap. xx, §§ 1-3) que serve de proemio, diz D. Rodrigo que, como no decurso da sua obra se fala freqüentemente de moedas, cujos valores precisam de ser aclarados, resolveu, para não estar de cada vez com explicações, fazer uma resenha geral, «não pello metal em que foraõ lauradas, nem pella ordem dos Reys que as mandaraõ laurar, mas pella que guardaõ entre si as letras do alfabeto cõ que se escrevem, porque assi ficará maes facil o dar com ellas» ⁽¹⁾. Nas palavras *naõ pello metal, nem pella ordem dos Reys* tem o autor em mente, sem dúvida, os trabalhos de Manoel Barbosa, e de Severim de Faria, que estão assim ordenados, e são do tempo d'ele.

Na 2.^a secção (cap. xx, §§ 4-30, e cap. xxi, §§ 1-26) dá D. Rodrigo noticia alfabética das moedas: alfonsins, barbuda, calvarios, ceitil, cinquinhos, coroa, cruzados, dinheiro, dobra, escudo, espadins, fortes, gentil, grave, indios, justos, leaes, livras, mealha, moeda do Engenhoso, moeda de quatro cruzados, moeda de tres reis, morabitanos ou moravedis, patacão, peças, pilarte, portuguezes, pretos, quarto de cruzado, quatro vintens, real de prata, real branco, real preto, real, real & meio, soldo, torneses, tostões, S. Vicente, vintem. A proposito de cada uma, indica o valor, tal qual o entende, ou se acha expresso nas *Cronicas* (algumas d'elas ainda então ineditas), nas *Remissiones* de Barbosa e na *Ordenação Velha* ou de D. Manoel. A cada passo faz a descrição das moedas, e até não raro declara a etimologia de algumas, por exemplo s. vv. «barbuda», «cruzados», «dobra», «justos». Como é natural, reproduz erros dos seus antecessores, ou comete outros por conta propria, v. g. quando considera as libras e os soldos moedas efectivas, ou quando dá como fabricados de cobre os dinheiros alfonsins, e diz que se via neles a figura de D. Afonso IV. A ideia, porém, de estudar alfabeticamente o conjunto das nossas moedas era prática, original para o tempo, e serviu de exemplo a trabalhos subseqüentes. D. Rodrigo, com varios termos que usa na descrição das moedas, ajuda a fixar a nomenclatura que depois se adoptou na Numismática: *orla*, fls. 102 v., 104 etc. (e tambem *garfila* e *cercadura* por «orla» fls. 106); *reverso*, fls. 102 v.; *face*, fls. 104; *marca* por «carimbo» (*marca do açor*), fls. 109 v. Alguns d'estes termos já vinham de autores anteriores. — E' curioso que D. Rodrigo da Cunha neste trabalho não cite jamais directamente o de Severim, apesar de o conhecer, como afirma noutro lugar (pt. 1, cap. xxx, § 1, passo a que já aludi acima), e como se depreende do trecho

(1) *Hist. ecl. de Lisboa*, fls. 102 v. — Já no *Catalogo dos bispos do Porto*, Porto, 1623, pt. II, pag. 65, dá o valor do *maravedi* no tempo de D. Sancho I, «quinientos reis cada maravedi», e pag. 222, alude ao valor das *libras* na moeda antiga e na do tempo de D. Manoel.

que ha pouco transcrevi, e da confrontação dos textos dos dois numismaticos. O Arcebispo não segue servilmente o Chantre: se por vezes o resume, outras afasta-se d'ele. Tendo saído a lume em 1642 a *Hist. ecclesiastica*, e só anos depois, em 1655, as *Noticias de Portugal*, está claro que o autor da primeira utilizou um manuscrito da segunda ⁽¹⁾.

A 3.^a secção (cap. XXI, §§ 27-33) é uma especie de historia monetaria, em que fala sumariamente das moedas que cada rei cunhou até D. João IV exclusivè; com relação ás d'este, remete o leitor para as leis de 1641 e 1642, que estavam estampadas de frêsko ⁽²⁾.

Da *Historia ecclesiastica de Lisboa* diz Fr. Antonio da Purificação, no t. II (1656) da *Cronica da ordem de S. Agostinho*: «agora se está imprimindo em nome do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, sendo que só tem delle pouco mais que o titulo», e acrescenta que D. Rodrigo lhe dissera que por falta de tempo para ele proprio a escrever toda, tinha confiado a outrem o cuidado d'ela ⁽³⁾. Ás palavras de Purificação não deve dar-se grande pêso, porque ele estava despeitado com haver o Arcebispo dito algo contra a vetustez da ordem dos eremitas que o frade pretendia glorificar pelos mais absurdos modos. É provavel que Cunha encarregasse um secretario de lhe coligir e ordenar documentos; mas pelo menos no que toca ao tratado das moedas mostra claramente que o escreveu, e não que o mandou escrever. Vemos aqui mais um exemplo dos santos ciumes que ás vezes obumbravam o espirito dos frades. Sem embargo, Purificação confessa que D. Rodrigo era «presbitero douto, e versado nas antiguidades deste Reino» ⁽⁴⁾, e inspira-se nele para escrever dois capitulos da referida *Cronica*.

Como outros antiquarios do seu tempo e anteriores, D. Rodrigo da Cunha possuia um *monetario*, que conhecemos principalmente pelo que ele proprio escreve no remate da 2.^a secção do trabalho que acima analisei: «outras moedas ouve de prata e cobre portuguezas, de que temos boa copia». Infelizmente não se averigua d'este laconismo que moedas seriam: talvez muitas das que descreve. D. Rodrigo não foi tão minucioso como Severim. Entre elas havia umas das falsamente chamadas «de Sertorio», conforme diz o mesmo Severim no Discurso IV, § 2.

Aos gostos numismaticos do Arcebispo se faz tambem referencia na *Restauração de Portugal prodigiosa*, Lisboa 1643, quando aí se narra que, havendo-se descoberto no termo da vila do Redondo em 1640 umas moedas do imperador Teodosio, o Chantre Severim

(1) De qual fosse este manuscrito tratei noutro trabalho.

(2) O trabalho de D. Rodrigo da Cunha foi reproduzido mais ou menos fielmente na *Hist. Genealogica*, IV, 216-242, e continuado por um anonimo, *ibid.*, pag. 283-285, no que toca ás moedas que vão de 1566 a 1688.

(3) Liv. V, tit. 3, § 9.

(4) Fls. 100.

mandou algumas d'elas a D. Rodrigo da Cunha ⁽¹⁾, informação repetida por Sousa de Macedo na *Lusitania Liberata*, Londres 1645, pag. 747-748 ⁽²⁾.

Quem não sublimará a memoria d'este prelado, cujo baculo não constituia para ele pêso que o estorvasse de ilustrar os patrios anaes, — compôr memorias, coligir documentos ⁽³⁾, ao mesmo tempo que como homem d'acção contribuia para a grandeza material da sua terra? Se nem sempre, no que publicou, procedeu com critica, ao menos procedeu sempre com boa fé, condição essencial em quem escreve, e realçada ainda em D. Rodrigo da Cunha pela modestia com que ele se apresenta; depois de dizer no proemio que os preços que attribue ás moedas podem ás vezes não ser justos, acrescenta: «não escrevemos para se averiguarem por esta nossa curiosidade pesos, mas para se entenderem escrituras, — e nestes termos basta o rastejarmos com a verdade, ainda que de todo a não alcançemos» ⁽⁴⁾.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

(1) Vid. pag. 200. — Acerca das dúvidas sobre quem fosse o autor d'esta obra, que saiu á luz com o pseudonimo de «D. Gregorio de Almeida, Ulyssiponense», vid. Inocencio, *Dic. Bibl.*, iv, 46; v, 411; iii, 162. Uns supõem ser o P.^e João de Vasconcelos, outros o P.^e Manoel Escovar. Todavia Antonio de Sousa de Macedo, na *Lusitani Liberata*, que cito na nota seguinte, dá a obra como do P.^e Manoel de Escovar, pag. 748, e esta afirmação resolve o problema, pois que Macedo é seu contemporaneo.

(2) «Vir multis titulis clarus Emanuel Severim de Faria..., diligentissimus collector antiquitatum, multas statim misit *Ulissiponensi Archiepiscopo* D. Roderico da Cunha». — Das relações literarias de Severim com Cunha fala tambem este na *Hist. ecles. de Braga*, t. II, Braga, 1635, cap. 71, § 5.

(3) Com as moedas guardaria D. Rodrigo da Cunha outras curiosidades, como se infere de um passo da *Hist. ecl. de Lisboa*, fls. 41, em que fala de uma pedra de virtude: «alguãs temos em nosso poder» (se é que a posse d'elas não obedecia a ideias supersticiosas!).

(4) Fls. 102 v.

Formação popular de nomes de unidade

Em um dos meus artigos da *Revista Lusitana* (volume XIII (1910), pág. 89, nota 2.^a), publiquei alguns vocábulos, de uso popular no Minho, derivados de nomes colectivos (ou que como tal se podem empregar) por meio do sufixo *-eiro*, *-eira* para exprimirem concretamente os objectos: *um* objecto — (*Nomina unitatis*).

Chamava eu assim a atenção dos estudiosos para uma interessante formação vocabular muito da simpatia do povo do norte — *do mais clássico povo de Portugal*, como Camilo Castelo Branco lhe chamou ⁽¹⁾ — e do povo galego, seu íntimo irmão.

A. R. Gonçalves Viana, na mesma preciosa revista filológica e etnológica (volume XIV (1911), pág. 40), teve, a propósito, lisonjeiras palavras para o meu referido artigo, dizendo de passo que já registara nas suas excelentes *Apostilas aos dicionários portugueses* (volume I, pág. 183) um de tais nomes de unidade. Efectivamente, o vocábulo *cabeleiro* lá vem registado, e eu tive ocasião de ver mais tarde que o Dr. Narciso Alves da Cunha, na sua monografia *No Alto-Minho — Paredes de Coura* (1909), também já arquivara o mesmo vocábulo (pág. 304) e, além dêsse, *peleiro* (pág. 316) e *milheiro* (pág. 323). É muito provável que ainda um ou outro dêstes nomes haja sido notado, solto, em obras que de linguagem popular tratem ⁽²⁾, — mas o que se não fizera ainda, antes do meu singelo artigo, fôra relacionar vários de tais nomes, mostrando que a sua formação obedecia a uma regra popular de derivação. E indicar essa regra foi o meu intuito.

Vou agora dar uma lista dos nomes de unidade, que até hoje tenho reunido, ampliando assim o que deixei escrito na *Revista Lusitana* (*loc. cit.*), — não sem antes frisar que o processo de formação dêstes nomes pelo sufixo *-eiro*, *-eira* é corrente na bôca do povo do norte e que, por isso, muitos são os vocábulos desta espécie que ficam ainda por coligir.

Os nomes de terras, adiante de alguns vocábulos registados, não querem dizer que só aí êles sejam usados, mas que aí foram

(1) *A Bruxa de Monte-Córdova*, Lisboa s. d., pág. 11.

(2) Vid., por ex., *Revista Lusitana*, IX, 187, onde se nota *fasqueiro*.

colhidos. Adeante das palavras cujo emprêgo seja vulgar em freguesias do concelho de Viana-do-Castelo, onde foram por mim ouvidas, não vai indicação topográfica nenhuma, entendendo-se que também fora dêsse concelho o povo as usa.

Eis a lista ⁽¹⁾:

1. *acheira* — uma acha. (De *acha* + *eira*).
2. *arieira* — um grão de areia. (De *areia* + *eira*). Ouve-se também *arieiro*, na forma masculina, por influência de *graeiro*, *greiro* (fala-se muito de *graeiros* e *arieiros* quando êles entram nos olhos) e sobretudo por influência do apelido *Arieiro*.
3. *arrozeiro* — um grão de arroz. (Do colectivo *arroz*).
4. *avieira* — um grão de aveia. (De *aveia*).
5. *azeitoneira* — uma azeitona. (De *azeitona*).
6. *bageiro* — um bago. (De *bago*).
7. *batateira* — uma batata (tubérculo). (De *batata*).
8. *bigodeiro* — um pêlo do bigode. (De *bigode*).
9. *braseira* — uma brasa. (De *brasa*).
10. *cabeleiro* — um cabelo. (De *cabelo*).
11. *caroçeiro* — um caroço (De *caroço*).
12. *carumeira* (Santo Tirso) — uma agulha sêca de pinheiro. (De *caruma*). Acêrca de colectivos que designam «fôlhas sêcas de pinheiro» — a alguns dos quais aludo agora — publicar-me-há a *Revista Lusitana* em breve um artigo.
13. *cavaqueira* ou *cavaqueiro* — uma cavaca ou um cavaco (pedaço pequeno de madeira). (De *cavaca*, *cavaco*).
14. *centieiro* — um grão de centeio. (De *centeio*).
15. *chumbeiro* — um grão de chumbo (de caça). (De *chumbo*).
16. *cisqueiro* (Lanheses (Viana-do-Castelo)) — uma fôlha sêca de pinheiro. (De *cisco*).
17. *coiveira* (*couveira*) — uma fôlha de couve. (De *coive*, *couve*).
18. *erveira* — uma hastezinha de erva. (De *erva*).
19. *ervilheira* — uma ervilha. (De *ervilha*).
20. *espigueira* — uma espiga. (De *espiga*).
21. *fagulheira* (Esposende) — uma agulha sêca de pinheiro (e certamente uma fagulha (chispa) também). (De *fagulha*).
22. *fasqueiro* (Barcelos, Valença, Monção) — uma fôlha sêca de pinheiro. (De *fasco*).
23. *feijoeiro* — um feijão. (De *feijão*).
24. *folheira* — uma fôlha. (De *fôlha*).
25. *gêsteira* — um pé de giesta (pop. *gesta*). (De *gesta* < *giesta*). — Também *giêsteira*.

(1) A alguns dêstes vocábulos já me referi em vários artigos da *Revista Lusitana* e nas *Nótulas ao «Novo Dicionário»*.

26. *grainheira* — um grão de grainha. (De *grainha*).
27. *granzeiro* (Paredes de Coura, Portuzelo (Viana-do-Castelo)) — um grão. O mesmo que *graeiro* e *greiro*. (De *grão*).
28. *gravalheira*, *garvalheira* (< *garavalheira*) — uma fôlha sêca de pinheiro. (De *gravalha*, *garvalha* (< *garavalha*)).
29. *guiceiro* — um guiço (ramozinho sêco, ponta delgada de um galho). (De *guiço*).
30. *milheiro* — um grão de milho. (De *milho*).
31. *palheira* — uma palha. (De *palha*).
32. *peleiro* — um pêlo. (De *pêlo*).
33. *pingueira* — uma pinga. (De *pinga*). Na *Revista Lusitana* (vol. x, pág. 223) vem êste ditado popular colhido em Vila-Rial: «Em janeiro, cada pingueira mata seu graeiro».
34. *prumeira* (< *plumeira*) — uma fôlha sêca de pinheiro (De *pruma* (< *pluma*)).
35. *rameiro* — um ramo (de árvore). (De *ramo*).
36. *telheira* — uma telha. (De *telha*).
37. *tojeiro* — um pé de tojo. (De *tojo*).
38. *trigueiro* — um grão de trigo. (De *trigo*).
39. *uveira* — um bago de uva. (De *uva*).
40. *vargeira* (< *vageira*) — uma vagem. (De *varge* (< *vagem*)).

Quando os colectivos, como *cisco*, *gravalha*, *pruma*, *arroz*, *milho*, etc., não podem ser usados como nomes de unidade, o povo forma êstes nomes com o sufixo *-eiro*, *-eira* sempre (*cisqueiro*, *gravalheira*, *prumeira*, *arroseiro*, *milheiro*, etc.), a não ser que use (para o caso dos dois últimos exemplos citados) expressões como *grão de arroz*, *grão de milho*, etc., — mas, quando os colectivos possam empregar-se como nomes de unidade, então a par dos derivados pelo sufixo de que se trata correm aqueloutros nomes tomados concretamente (*acha* e *acheira*, *batata* e *batateira*, *feijão* e *feijoeiro*, etc.). Neste caso, ás vezes, dá-se a preferência aos derivados quando se quiere fazer realçar a independência, a individualidade para assim dizer, dos objectos, isto é: que êles estão distintos, não confundidos numa aglomeração, numa *colecção*. Ex.: *uma tijela de ervilhas*; *comeu umas quantas ervilheiras*; — *um sacco de batatas*; *deu-me seis batateiras*; — *a vinha tem muitas uvas*; *que de uveiras estão pelo chão!* etc.

Esta formação de nomes de unidade tambem se dá em galego. Já ouvi *granceiro* e *foupeira* (de *foupa* = caruma). Na Guardia dizem *frumeira* (de *fruma* = caruma). Há em galego os seguintes ditados onde se encontra *pingueira*: *a muller e a casa vella, todo se volven pingueiras*; *de pingueiras faise o mar*; *de pingueiras faise un cirio*. Fácil era reunir mais exemplos, mas êstes bastam para comprovar o facto.

Lisboa, Janeiro de 1916.

CLÁUDIO BASTO.

CHRONICA THEATRAL

No NACIONAL

Coimbra Terra de Amores

3 actos do Sr. Vicente Arnoso

De saudades de Coimbra, já o Sr. Vicente Arnoso produziu duas obras qual d'ellas a mais interessante: *Coimbra Nobre Cidade* e *Coimbra Terra de Amores*. Vicente Arnoso não procurou de certo (elle claramente o diz) fazer uma peça de theatro que marcasse com vigor o inicio da sua vida de dramaturgo.

Coimbra Terra de Amores é o trabalho d'um elegante, d'um *gentleman*, que possuindo talento para varias modalidades literarias, nos deu agora tres quadros de encantador lyrismo que obtiveram no tabolado um successo absoluto.

Bello scenario, interpretação cuidada e uma linda voz, cantando amores de Coimbra... que é terra d'elles.

VICTORIANO BRAGA.

Inauguração do Theatro REPUBLICA

Lucien Guitry

Inaugurou-se no dia 14 de Fevereiro o novo theatro Republica, reconstruido pelos moldes do antigo theatro do mesmo nome, deruido por um incendio em 13 de Setembro de 1914.

A abertura fez-se com a reprise da peça de Eduardo Schwalbach *Os Postiços*.

Lucien Guitry, o extraordinario actor francez, que havia prometido ao seu amigo, o illustre empresario Sr. Visconde de S. Luiz Braga, vir dar uns espectaculos no novo theatro, cumpriu a sua palavra, dando a primeira recita quatro dias depois da inauguração. O grande artista assombrou com o seu talento e maxima naturalidade o publico de Lisboa que o applaudiu entusiasticamente, grato da sua visita.

V. B.

LAPIDES

Impressões de Arte

David de Sousa tem o gesto alevantado da raça, quando oficia a Wagner. Sua batuta é a varinha feitiçeira que faz despertar mundos de Encantamento...

Quando a sua orquestra executa o Prelúdio do Parsifal, a abertura do Rienzi ou do Tristão e Isolda, dá a impressão que ergue dos escombros catedrais tombadas...

Em gestos de arabesco, desenha pacientemente no espaço a intenção da melodia...

A sua batuta estão presos por fios de ouro todos os instrumentos da orquestra... Quando êle os puxa, magoam-se todos de beleza...

David de Sousa, à frente dos seus músicos, lembra um Lusíada navegador na prôa duma caravela...

Que a sua orquestra é bem uma nau empavezada a demandar o porto dos Nossos Sentidos...

* * *

Rui Coelho hà-de escrever ainda a sinfonia heroica da nossa raça... Nas suas obras de hoje adivinha-se já essa predestinação...

Já deu ritmo à alma de Camões... Hà-de fazer o mesmo à alma de Portugal...

Rui Coelho tem a dupla vidência dos grandes artistas...

Viu a alma da Natércia como se na verdade também a tivesse amado...

Aquele desolado amor sem esperança pelas que passaram, que fêz escrever a Maupassant um dos seus mais belos contos...

A Sinfonia Camoneana, Na Fonte dos Amores de Inês, Na Cathedral do Amor e da Paisagem, dizem-nos mais de Camões que os pezados volumes dos investigadores...

* * *

A Paisagem deve sentir-se lisongeada... Pedro de Menezes fêz o seu elogio...

Os versos do Poeta não lhe disseram apenas a Beleza...

Deram-lhe mais Beleza...

Brilhantes que num gesto magnanimo Êle atirou ao seu regaço...

Porque a Paisagem não é tão bela...

Pedro de Menezes não deveria ter dito Elogio, mas Sonho da Paisagem...

Cada verso deste poeta lê-se como quem percorre uma alameda, onde a Ideia passeie como uma princesa scismadora...

Ao meio um lago onde de quando em quando ela mergulha as mãos...

Pedro de Menezes, como todo o Português, descendente do Gama, descobriu no seu espírito, um reino mais longínquo do que a Índia, o reino do Preste-Deus!...

A. F.

BIBLIOGRAPHIA

MOVIMENTO SENSACIONISTA

Elogio da Paisagem, sonetos de PEDRO DE MENEZES.
Lisboa, Livraria Brasileira, 1915.

*As tres princezas mortas num palacio em
ruinas*, poemas de JOÃO CABRAL DO NASCI-
MENTO, Lisboa, 1916.

Apesar de a sua tarefa ser a da reconstrucção da literatura e da mentalidade nacionaes, o Movimento Sensacionista vae dia a dia colhendo força, rasgando caminho, florindo em novos adeptos e sensibilidades acordadas.

Desde a data, gloriosa para as nossas lettras, em que, com a publicação de «Orpheu», um oasis se abriu no deserto da intelligencia nacional, os Espiritos, a quem Deus concedeu que com a sua sensibilidade espontanea iniciassem o Sensacionismo, vêem, com patriotico agrado, de todos os solos do paiz, de todos os estratos da cultura, brotar poetas da prosa e do verso, que, levemente uns, vincadamente outros, alguns com consciencia, outros como que *malgré eux*, veem adherir de inspiração aos principios que constituem a attitude sensacionista. Por toda a parte a sociedade occultamente constituída pelas intelligencias portuguezas vae sendo ensopada em Sensacionismo. Na mocidade que começa a escrever-se, os poucos, que mostram esperanças de dar fructo intellectual, não florescem senão a dentro do Sensacionismo. Ninguém hoje, entre os escolares que se prezam, admira ou imita os nossos classicos ou os classicos dos nossos jornalistas.

Tudo isto representa — outro sentido não pode ter — uma instancia da Hora da Raça, que, sentindo a necessidade de realizar Cosmopolis em si, se vira para o unico nucleo de artistas que, além de darem ao seu instincto de Chefes a garantia primaria de serem quasi todos homens de genio, que tomaram de nascença nas mãos o pendão da Raça (ha tanto tempo bolorejando no tumulto de Camões, de Garrett ou de outros bric-à-brac), representam, manifestamente, uma pleiade luzida que nas suas obras enfeixa, com o maximo utilisavel do sentimento portuguez, o maximo aproveitavel nas actuaes correntes europêas.

O Sensacionismo surgiu, pois, como primeira manifestação de um Portugal-Europa, como a unica «grande arte» literaria que em Pottugal se tem revelado, livre da estreiteza chronica que tem prendido no seu leito de Procrustes todos os nossos impulsos estheticos, desde a tísica espiritualidade que subjaz o pseudo-petrarchismo dos tristes poetas da nossa Renascença, até á secca commotividade em torno á qual nucleou o neo-huguismo (grande embora) do actual chefe honorario da intellectualidade portugueza.

Synthetico assim, o Sensacionismo triumphou. Primeiro pelo escandalo, que outro não podia ser o triumpho entre os feirantes que ergueram barracas no terreno desoccupado da nossa critica. O nosso meio jornalístico e «literario», acostumado ou a ser latoeirmente estrangeiro, ou a ser nacional no nivel da

Praça da Figueira, deu a «Orpheu» a unica honra que em taes almas cabia conferir — a da sua invertebradamente espontanea, surprehendentemente sincera aversão. Assim, no que facto publico, se *lançou* o Sensacionismo. A unica propaganda que se fez fôï não se fazer propaganda nenhuma. Gratis lhe fez esse frete a amabilidade involuntaria dos criticos.

Depois, seguro e certo como uma maré que sobe, começou o triumpho nos espiritos. De alma a alma, das aproveitaveis, o Sensacionismo correu. Chegou, viram-o, e venceu, E este muito é o pouco que são todos os principios. Hoje é já uma victoria; amanhã será uma nacionalidade.

*

Servem estas palavras de introdução á breve critica, que vamos fazer, das duas plaquettes sensacionistas, cujos titulos encimam este artigo.

A breve e magistral colheita de sonetos, que o sr. Pedro de Menezes fez para o seu publico, marca bem a individualidade definida, que elle tem a dentro do Sensacionismo. A exuberancia abstracto-concreta das imagens, a riqueza de suggestão na associação d'ellas, a profunda intuição metaphysica que socleia tanto os versos culminantes dos sonetos d'esta plaquette, como, bastas vezes, a direcção animica de certos sonetos integralmente — tantas são algumas das razões que um espirito esclarecido e europeu encontra para admirar e amar o *Elogio da Paisagem*. Como esta critica não é feita para analphabetos, é inutil esmieuçal-a mais e fazer transcripções que, no lance, nada adeantariam. Basta que se aponte como são bellos — acima dos outros, que são todos bellos — os sonetos III (1.º), V, XIII (1.º) e, mais do que todos, o assombroso *Horas Mortas*, que não conseguimos não transcrever:

Princesas a passar nos olhos meus.
Hora-curvas de dedos mais esguios.
Rios sem outra margem. Sempre rios...
Pontes até ao meio e o resto Deus...

A Hora em que o luar perde os sentidos.
A Hora em que a Paisagem veste seda
E os rios são as caudas dos vestidos
Que se arrastam de noite na alameda.

Sombras de Inês depois de ser rainha,
— Pedro, o Silêncio, junto d'êla as tinha...—
Velhinhas assentadas à lareira...

Todas as pontes iam dar a Deus...
Passei-as todas p'ra atingir os céus
E a minha Alma era sempre a derradeira.

Convém não omitir que o sr. Pedro de Menezes junta ás suas grandes qualidades dois defeitos, que, não chegando a empanal-as, certo é que não deixam que ellas tenham o relevo a que teem jus. O primeiro defeito é uma certa deficiencia — por vezes accentuadamente notavel — de musicalidade, de suggestão puramente syllabica, de seducção rhythmica pura. O seus versos teem, frequentemente, elementos de dureza e rectilineidade. No proprio grande soneto, que se citou, semelhante jaça é flagrante.

O seu outro defeito é menos frequente e, onde está, é, em geral, menos sensível. É que por vezes o poeta esquece as leis, não só exotericas, mas esotericas tambem, da associação de ideas desconnexas, e juxtapõe imagens que, sendo, quasi sempre, cada uma d'ellas bella, não se fundem em belleza, não se synthetizam suggestivamente no espirito. E é n'estes raros pontos que a fraqueza rhythmica, associando-se a ess'outra falha, consegue que a belleza escasseie no effeito poetico que resulta. O proprio soneto *Horas Mortas*, com ser grande, não deixa de permittir que nelle se colha o exemplo que é bom não sonegar.

Repare-se no primeiro terceto, evoque-se bem a suggestão imaginativa que elle impõe, e mida-se depois como essa intromissão de figuras historicas (por poeticas que se possam crêr) nesta successão de imagens ou indefinidas ou abstractas põe um solavanco inesperado no estado de sonho que o soneto provoca. O erro psychologico culmina na juxtaposição «Pedro, o Silencio», que é estheticamente invisualisavel.

*

Os elementos componentes da inspiração sensacionista estão ainda inharmonicos e inindividualizados na, aliás interessantissima, pequena obra do sr. Cabral do Nascimento. É singular que o defeito capital d'esta plaquette é precisamente aquelle que ultimo apontámos na do sr. Pedro de Menezes. Aqui, porém, visto que o author, embora de verdade um poeta, seja ainda um principiante, o defeito tem um relevo muito maior, constitue, mesmo, o peccado original do livro.

Fóra isso, e aquella ligeira e indefinivel incerteza que ha em todos os primeiros passos, physicos como psychicos, e que desaparece com o haver segundos, a obra de que se trata revela que quem a escreveu tem qualidades de imaginação e de intelligencia que podem fazer d'elle um poeta inadjectivavel. Procure o sr. Cabral do Nascimento ter sempre este facto tão presente, que não saiba que o tem presente — que uma obra de arte, por dispersa que seja a sua realisação detalhada, deve ser sempre uma cousa una e organica, em que cada parte é essencial tanto ao todo, como ás outras que lhe são annexas, e em que o todo existe syntheticamente em cada uma das partes, e na ligação d'essas partes umas ás outras. Comprehenda isto até á inconsciencia. Sinta isto até não o sentir. E, sentido e comprehendido isto até com o corpo, despreze todo o resto. Salte por cima de todas as logicas. Rasgue e queime todas as grammaticas. Reduza a pó todas as coherencias, todas as decencias, e todas as convicções. Feita sua aquella, a unica regra de arte, pode desvairar á vontade, que nunca desvairará; pode exceder-se, que nunca poderá exceder-se; pode dar ao seu espirito todas as liberdades, que elle nunca tomará a de o tornar um mau poeta.

O resto é a literatura portugueza.

FERNANDO PESSÔA
Sensacionista.

RES
2751

